

A PSICOSE EM CENA: SCHREBER, AIMÉE, JOYCE E ESTAMIRA

Rogério Paes Henriques*

RESUMO

Trata-se de um ensaio analítico baseado no documentário brasileiro *Estamira*, protagonizado por uma senhora homônima, catadora de lixo e paciente psiquiátrica. Partindo-se da ética da escuta, destaca-se o discurso psicótico (delirante) de Estamira como material clínico privilegiado a ser manejado na condução de um possível tratamento analítico, em oposição à clínica psiquiátrica da doença mental, de caráter objetivista e exclusivamente biológico, a qual, neste caso, mostrou-se iatrogênica, em função do uso irracional de medicamentos. Objetiva-se assinalar a importância da publicação, isto é, da passagem ao público das produções psicóticas, para a estabilização das psicoses. Para tanto, analisa-se o documentário *Estamira* numa comparação com a autobiografia de Daniel Paul Schreber e com as leituras lacanianas de Marguerite Anzieu (caso *Aimée*) e James Joyce. Questiona-se se o documentário, enquanto um artefato material do qual Estamira participou ativamente, teria contribuído com uma estabilização mais consistente de seu quadro clínico.

*Psicólogo; psicanalista; mestre e doutor em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); professor universitário da UVV/ES e Univix/ES.

End.: Rua Almirante Soído, 53/302, Praia de Santa Helena, Vitória/ES
CEP: 29055-020 – tels. (27) 3235-8023 / (27) 8816-5303
e-mail: rsphenriques@oi.com.br

A PSICOSE EM CENA: SCHREBER, AIMÉE, JOYCE E ESTAMIRA

Rogério Paes Henriques

Esta história começa em 2000, ocasião na qual o fotógrafo Marcos Prado fazia um trabalho encomendado no lixão Gramacho, em Duque de Caxias (município da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro), e pediu autorização para tirar uma foto de uma senhora, catadora de lixo, que se sobressaía dos demais trabalhadores. Concedida a autorização, essa senhora lhe confessou ter uma missão: “revelar a verdade”. Ela perguntou, então, se o fotógrafo sabia qual era a missão dele. Como ele hesitasse em responder, ela lhe disse: “Sua missão é revelar a minha missão”. Não foi à toa que a senhora em questão, chamada Esta-mira, apelou a um fotógrafo, provavelmente, um profissional privilegiado em seu imaginário, já que capaz de *revelar* ao mundo suas “paisagens verdadeiras”: “Esta mar”, “Esta serra”, enfim, “Estamira” revelada — como numa foto panorâmica. Teve início, assim, a idéia do documentário, que consistiria num acompanhamento da vida de Estamira por quatro anos.

Um dos pontos que mais me chamou atenção nesse documentário foi o fato de o diretor assumir, ao pé da letra, a missão que lhe foi dada por Estamira. Por mais que esta personagem possa se mostrar arrogante, verbalmente agressiva e, até mesmo, desagradável ao longo do filme, Marcos Prado permite que ela se faça ouvir. Dar voz aos loucos! Não se pautaria ele na ética psicanalítica da escuta, que opera a passagem do dizer sobre o psicótico à escuta de seu dizer? E Estamira fala, fala, fala... Ela fala praticamente o tempo todo, sem que nós, espectadores, saibamos se nos impactamos mais com seu discurso visceral, com a trilha sonora angustiante ou com as imagens cruas de um lixão, que poderia muito bem ser o *aggiornamento* das antigas senzalas brasileiras.

Estamira lembrou-me de outro louco, Daniel Paul Schreber, que se tornou célebre após ter sido estudado por Sigmund Freud, em 1911 (Freud, 1996). Ambos, Estamira e Schreber, tinham “verdades” a serem reveladas ao mundo e as revelaram por caminhos diferentes.

Schreber ocupava uma posição social de destaque na Alemanha da era Guilhermina: era doutor em Direito, Juiz-Presidente da Corte de Apelação de Dresden, exímio pianista, homem extremamente culto, amante das artes, da literatura e das ciências, descendente de uma linhagem de intelectuais; embora não fosse um nobre, ele

freqüentava os mais altos círculos de sua sociedade. Publicou sua autobiografia, em 1903 (Schreber, 1995), com recursos financeiros próprios, apesar dos esforços empreendidos pela censura da época e por seus familiares para impedir a publicação, com a certeza de que seria lido e de que sua verdade, assim revelada, revolucionaria o mundo. Para tanto, Schreber advogou em causa própria, impetrando, ele mesmo, uma ação judicial visando a obter alta hospitalar (sua internação psiquiátrica compulsória já durava oito anos) e reaver seus direitos civis (ele havia sido interditado civilmente). O deferimento de sua ação judicial pelo tribunal que ele, outrora, presidira, permitiu-lhe publicar as suas *Memórias*.

Com Estamira, ocorreu-lhe algo bem diferente. Em primeiro lugar, Estamira não é uma paciente psiquiátrica asilar, como Schreber o foi, mas sim alguém que desfruta de uma aparente liberdade. Todavia, trata-se de uma liberdade alforriada. Se, em seu discurso delirante, Estamira afirma convictamente estar em todo lugar, em termos sociais, ela não está em lugar algum. Estamira é invisível! — como ela mesma também se declara. A invisibilidade é uma das formas de exclusão mais sutis e perversas na sociedade contemporânea, dita “pós-moderna”, conforme assinala Bauman (1998). “Esta mira”, ironicamente, não é vista! Ninguém a vê! Nem as autoridades competentes, nem nós mesmos, cidadãos, cúmplices que somos de um Estado inoperante e segregacionista. Estamira é uma pária social, pertencente a mais baixa casta da sociedade fluminense, que sobrevive com o que extrai de um lixo insalubre. Além disso, diferentemente de Schreber, Estamira mal sabe ler, como se percebe numa cena do filme na qual ela mesma lê, em voz alta, seu prontuário médico, que diz o seguinte: “Atesto que Estamira Gomes de Souza, portadora de quadro psicótico de evolução crônica, alucinações auditivas, idéias de influência, discurso místico, deverá permanecer em tratamento psiquiátrico continuado”. Ora, percebe-se que esse simulacro de prontuário, deveras superficial, nada diz sobre a Estamira enquanto sujeito, seja como portadora de direitos ou de desejos. Ora, então, quer dizer que Estamira é invisível até mesmo para os médicos, que tinham o dever ético de enxergá-la? Daí compreende-se sua revolta e sua acusação de serem eles (os médicos) meros copiadores de receitas, que dopam e viciam seus pacientes. Por fim, para revelar sua verdade, Estamira não publicará um livro, como Schreber o fez, faltam-lhe recursos financeiros e habilidades indispensáveis para tal empreitada. Contudo, num acaso do destino (talvez nem tanto acaso assim, tendo em vista a estetização da miséria e a volúpia denunciata em voga na

arte brasileira), Estamira esbarrou com um fotógrafo e diretor de cinema, que resolveu lhe promover a protagonista de um premiado documentário.

Talvez a contribuição mais importante de Freud no caso Schreber tenha sido a sua re-significação do delírio, até então, concebido pela psiquiatria tradicional como um mero sintoma patológico a ser eliminado. Diz Freud: “A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” (*op. cit.*, p. 78). E, de fato, Schreber reconstruiu seu mundo por intermédio de seu delírio, a sua maneira. Lacan (2002; 1998a) aponta para a cristalização em Schreber de uma erotomania divina. Seu Deus o amava e o elegera para torná-lo uma mulher, fecundá-lo e gerar uma nova raça de seres humanos superiores, nascidos de seu próprio ventre (homens de espírito Schreber)¹. Já o Deus de Estamira tem uma natureza diferente e o vínculo que ela estabelece com Ele dá-se não pelo amor (como em Schreber), mas pelo ódio, sendo esse Deus a própria encarnação do mal. Seu Deus é “sujo”, “estuprador”, “traidor”, “assaltante”, “arrombador de casa”, “safado”, “canalha”, “assaltante de poder”, “manjado”, “desmascarado” etc., ou seja, esse Deus é o próprio “trocadilo”, conforme o neologismo a partir do qual Estamira identifica seu principal perseguidor e mal-feitor, conforme as vozes que escuta dos “astros negativos, ofensivos”. É contra esse “Deus trocadilo”, contra esse excesso de gozo que a invade tornando-a uma marionete, a ponto de ela sentir que seu corpo é manipulado por um “controle remoto”, que Estamira se insurge com veemência. A verdade de Estamira não estaria na revelação desse seu “Deus ao contrário”, se me permitem um neologismo com base no discurso estamiriano? Enquanto Schreber — como uma personagem de Beckett — espera Godot, Estamira o denuncia. Lacan (1995) assinala a religião como capaz de responder à interrogação sobre o pai na medida em que ela se organiza numa tradição; talvez por isso Deus esteja tão presente nos delírios de Schreber e Estamira, muito embora por deslocamentos diferentes: Schreber, ex-ateu que se tornou um crente submisso, e Estamira, ex-crente desiludida e revoltada. Com o desencadeamento de suas psicoses, Schreber passou a encarnar a figura do neo-convertido fanático, enquanto Estamira, a do anjo decaído.

¹ Daí sua metáfora delirante: “mulher de Deus”. De uma perspectiva lacaniana, a metáfora delirante é o significante que substitui o significante fundamental (Nome-do-Pai) ausente na psicose, tendo função de ponto de basta e induzindo efeitos de significação. Ela introduz uma ordem no significante, permitindo ao sujeito psicótico ter acesso à significação não-fálica. Nesse sentido, possibilita uma estabilização, porém, sempre precária. Apoiado no significante “mulher de Deus”, Schreber faz uma suplência imaginária ao admirar em si mesmo seu suposto corpo de mulher e ao cultivar sua feminilidade.

Qualquer tratamento consistente das psicoses deve levar os delírios em consideração como material clínico a ser trabalhado. A tentativa médica de eliminar os fenômenos elementares da psicose de Estamira por meio de uma super-dosagem medicamentosa mostrou-se catastrófica (vide a cena, já no final do documentário, na qual Estamira fala visivelmente alterada pelos efeitos colaterais adversos dos antipsicóticos: aumento de peso, inchaço, tremor fino nas mãos e nos pés, distonia etc.). Visivelmente sedada e esvaziada afetivamente, Estamira queixa-se de estar desgovernada, de nervosismo, de agonia, por tentar falar, e não conseguir. Calou-se seu delírio, as vozes que escutava tornaram-se meros zumbidos (“tmmmmmmmmmm!” — como ela os reproduz verbalmente) e, no entanto, ao invés de alívio, Estamira relata que sua cabeça parece um copo cheio de Sonrisal[®], fervendo — a ponto de ela pensar em parar de tomar o remédio por um ano. Eis o desfecho trágico do *furor sanandis* psiquiátrico e de uma clínica sintomática, de base farmacológica, iatrogênica².

Lacan, num segundo momento do seu ensino em relação à psicose, — pautado no trabalho com o nó borromeano³, e na idéia de uma foraclusão generalizada e da pluralização dos Nomes-do-Pai⁴—, faz alusão à possibilidade de se construir suplências

² Acerca disso, assinala Briole (2004): “Sob efeito dos neurolépticos, e com o tempo, observamos em alguns pacientes verdadeiros remanejamentos: um esvaziamento do afeto, do ímpeto delirante. Não resta mais nada, observa Jacques-Alain Miller, senão o ‘envelope vazio do delírio’. É o que ele chama a ‘persona de tratamento’ que vem se substituir, com o tempo, à ‘persona selvagem’ que não é mais acessível. ‘Nesses casos, podemos fazer apenas uma clínica da doença mental em tratamento’. É aí que vamos encontrar estas novas formas de esquizofrenia: as esquizofrenias tratadas” (p. 63).

³ “O nó borromeano é, de fato, uma cadeia de 3, 4 ou número infinito de anéis que têm a característica de, ao se cortar um, liberar todos os outros anéis. Contrariamente ao que acontece com uma cadeia comum, na qual, ao se cortar um anel, a cadeia continua com um elo a menos” (Jimenez, 2004, p. 80). “Segundo Lacan, a estrutura psíquica tem a forma de nó. O neurótico é um nó borromeano constituído por 4 anéis, e esse quarto anel é o Nome-do-Pai. Já os psicóticos ordinários estão estabilizados em outras formas de nós, e o quarto anel, o sinthoma, não faz uma amarração borromeana com os outros” (*ibid.*, p. 84).

⁴ “A foraclusão generalizada seria, radicalmente, a perda de encaixe do sujeito com o seu entorno, o que se manifesta na impossibilidade da relação sexual. Frente a isto, que coloca um ponto de partida igual para todos os sujeitos, existiriam não duas, mas muitas soluções diferentes, mesmo que possam continuar a serem agrupadas em neurose e psicose (e devam continuar a serem agrupadas porque isto é essencial à direção da cura). Neuróticos são aqueles que, a partir dessa foraclusão, fazem um delírio compartilhado. Somos delirantes, nós, os neuróticos. O Nome-do-Pai não é algo inerente à linguagem, é algo que alguns sujeitos constroem e outros não, e os que o constroem não são menos delirantes que os outros porque o Nome-do-Pai já é um delírio. Acreditar no sentido das palavras é delirante. A partir da foraclusão generalizada, aceitamos o delírio compartilhado que o coletivo nos oferece. Os que não acreditam nisto, os que não acreditam nem no Nome-do-Pai nem nas palavras se enganam menos que os que acreditam, mas o preço a pagar é muito caro. Por isso, Lacan chama seu *Seminário XXI, Os não-tolos erram*, que em francês [*Le non-dupes errent*] é homofônico com os Nomes-do-Pai: os que não se enganam, os que percebem a balela do Nome-do-Pai, os que não são tolos neste sentido são condenados a errar, procurando suas próprias soluções por não querer entrar no delírio coletivo. (...) o exemplo mais claro deste delírio coletivo é a premissa universal do falo. O que pode ser mais delirante que a crença infantil de que as mulheres têm pênis? Cada psicótico tem que fazer o seu próprio trabalho para construir seu

às psicoses, por intermédio das estabilizações proporcionadas pela passagem ao público das produções dos psicóticos.

Assim, Marguerite Anzieu ou *Aimée* teve seu momento fecundo paranóico estabilizado, inclusive com a cessação dos delírios, depois que trechos de seus romances foram literalmente publicados por intermédio de Lacan (1987) que, em sua tese de doutorado de 1932, fez dela seu estudo de caso principal.

James Joyce, por sua vez, seria um exemplo de “psicose sinthomatizada”, já que sua suposta psicose não teria sido desencadeada ao longo de sua vida⁵; Lacan (2007) assinala a importância da literatura para Joyce e o fato de ele ter conseguido fazer enigmas e se tornado um nome público, alvo de comentários e assunto de debates de todos, conseguindo, dessa forma, “fazer entrar o [seu] nome próprio no âmbito do nome comum” (Lacan, *op. cit.*, p. 86); ao se pretender um nome, Joyce teria feito a compensação da carência paterna, resultante da forclusão [*Verwerfung*] do Nome-do-Pai. Isso teria sido um fator determinante para o não-desencadeamento de sua suposta psicose, tendo o seu ego (de Joyce) feito função de “sinthoma”, isto é, de suplência, mantendo enodados ou encadeados as três dimensões psíquicas — real (R), simbólico (S) e imaginário (I):

Eis exatamente o que se passa, e onde encarno o ego como corrigindo a relação faltante, ou seja, o que, no caso de Joyce, não enoda borromeamente o imaginário ao que faz cadeia com o real e o inconsciente. Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano (Lacan, *op. cit.*, p. 148).

Ao funcionar como sinthoma, o ego de Joyce teria lhe permitido fazer laço social, localizar o gozo e ser, aparentemente, como um neurótico.

Sabe-se que Schreber alcançou certa estabilização, mesmo que precária, já durante o longo processo de redação e, conseqüentemente, com a publicação de sua autobiografia. Contudo, diferentemente de Joyce, para Schreber o escrito parece não se apresentar como a operação de suplência que evita o desencadeamento, mas antes,

próprio Outro. O trabalho que o neurótico faz mais facilmente, acreditando num delírio compartilhado, *prêt-à-porter*, por assim dizer, o psicótico tem que construí-lo sozinho” (Jimenez, *op. cit.*, p. 83).

⁵ Apesar de cético e cauteloso quanto à possibilidade de se analisar alguém unicamente por intermédio de seus escritos — “O que há de terrível, com efeito, é que fico reduzido a lê-lo, posto que é certo que não o analisei. Lamento por isso” (Lacan, 2007, p. 77). “Estamos reduzidos à impressão porque Joyce não nos disse isso, ele o escreveu, e isso faz toda a diferença” (*ibid.*, p. 78) —, Lacan assinala a possível psicose de Joyce, sobretudo, a partir do exame dos fenômenos das “falas impostas” ao escritor e da análise de seu ego. Vale ressaltar que Lacan tinha um precedente de peso, haja vista que a análise que Freud (1996) empreendeu de Schreber baseou-se, também, exclusivamente em textos.

vincula-se ao trabalho delirante numa psicose já desencadeada. Com suas *Memórias*, Schreber também pareceu ter conseguido tornar-se um nome público. Seu objetivo, externado em várias passagens das *Memórias* de ofertar seu suposto corpo de mulher para estudos científicos concretizou-se na medida em que, como assinala Lothane (1992), seu livro foi muito bem recebido pelo campo psiquiátrico da época, tendo sido alvo de inúmeras resenhas, ensaios e artigos⁶. Não questiono aqui o controverso estatuto de “obra”, tampouco de literariedade, das *Memórias*, mas sim a importância que a publicação desse livro, enquanto artefato material, possa ter tido na estabilização da psicose desencadeada de Schreber — numa analogia com o caso *Aimée*. Interessante que Schreber resgatou seu enlaçamento social com vistas à publicação de seu livro; para tanto, como vimos, ele precisou lutar para reaver seus direitos civis e obter alta hospitalar, tendo, após alcançar tais objetivos, refeito seu casamento, adotado uma menina como filha e retomado sua atividade de jurista como *free-lance*; essa estabilização se manteve até sua terceira crise psicótica, desencadeada em 1907, quando sua esposa adoeceu gravemente, levando-o, assim, de volta à internação e à morte num asilo, em 1911. Quanto à Estamira, até onde sei, não se conhecem os efeitos do documentário (que leva o seu nome no título) sobre sua vida. Assim, questiono se o documentário poderia, de modo semelhante, na medida em que se trata de um artefato material com participação dela, ter influenciado positivamente a vida de Estamira, no sentido de permitir-lhe uma estabilização mais consistente? Infelizmente, a falta de dados impede-me de ir além da mera especulação.

Bem, quanto à análise de Estamira, não seria tarefa muito difícil apontar o *pathos* em seu discurso, principalmente em se tratando de uma personagem que se auto-intitula “louca”, “doida”, “maluca”, “azougada”, “má”, “ruim” — “má e ruim, sim, mas perversa, não”! — conforme afirma. Todavia, proponho-me, aqui, a seguir o caminho inverso. Procurarei circunscrever o que há de são no discurso de Estamira, partindo do pressuposto de que ela, de fato, possui certas verdades a serem reveladas⁷. Ao invés de mostrar o que há de diferente entre nós, neuróticos, e Estamira, psicótica, aumentando o fosso que existe entre a loucura e a suposta normalidade, mostrarei justamente aquilo que nos aproxima — reconhecendo, todavia, as diferenças que particularizam ambas as

⁶ Para uma visão detalhada dos comentadores de Schreber anteriores a Freud, na sua maioria, psiquiatras anglo-saxões, ver a revisão bibliográfica realizada por Lothane (*op. cit.*, p. 317-323).

⁷ Nesse sentido, é interessante a cena do filme na qual uma das filhas de Estamira, Carolina, afirma que, de vez em quando, sua mãe lhe diz certas verdades que a abalam profundamente.

estruturas subjetivas (neurose e psicose), sem, portanto, confundi-las entre si. A clínica continuísta, de inspiração lacaniana⁸, possibilita essas permutações entre neurose e psicose, num esforço de aproximação entre ambas as estruturas. Aos que acham muito ousada minha proposta, parafraseio Freud (*op. cit.*, p. 85), no fim do caso Schreber: cabe a vocês decidirem se existe mais delírio em minha análise do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Estamira do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar.

*

Estamira apresenta uma série de discursos politicamente corretos, nos quais ela demonstra compartilhar os códigos sociais estabelecidos. Reproduzo-os a seguir, procurando ser o mais fiel possível à sua fala, sem me ater às regras ortográficas ou gramaticais da língua portuguesa. Dentre eles, seu discurso ecológico é de dar inveja a Al Gore e aos teóricos do aquecimento global (*An Inconvenient Truth*, 2006). Referindo-se ao lixão Gramacho, Estamira afirma:

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto e, às vezes, vem também descuido. Resto e descuido! Quem revelou o homem como “único condicional” ensinou ele conservar as coisas; e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais, o quanto pode. Você tem a sua camisa. Você está vestido. Você está suado. Você não vai tirar sua camisa e jogar fora. Você não pode fazer isso! (...) Miséria não! Mas, as regras, sim! Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza, tem! Então, as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. O “trocadilo” fez de uma tal maneira que quanto menos as pessoas têm, mais eles manospresam, mais eles jogam fora, quanto menos eles têm.

Em nossa sociedade industrial, na qual se vive em função do tempo cronológico e do dinheiro, daí o conhecido slogan *time is Money*, como se diz nas lições para empreendedores, que escutamos desde cedo nos bancos escolares, Estamira nos dá uma importante lição:

⁸ “Na clínica continuísta não haveria um descontinuísmo radical entre psicoses e neuroses, no sentido de que não haveria uma grande diferença estrutural: um neurótico seria um *parlêtre* [falasser] com uma suplência muito bem sucedida, com um sintoma que amarraria os três registros, que seria o Nome-do-Pai” (Jimenez, *op. cit.*, p. 85). Por sua vez, existiriam “(...) uma série de psicoses que teriam feito suplência [psicoses ordinárias], mas não à maneira neurótica, com o Nome-do-Pai, com a premissa universal do falo, com a historinha edipiana, mas de outra maneira singular e original, à qual o analista tem que estar muito atento. O analista deve respeitar aquilo que está funcionando como suplência e evitar que o sujeito seja esmagado pelo gozo” (*ibid.*, p. 83-84).

Eu não vivo por dinheiro. Eu faço o dinheiro. Eu é que o faço. É você que faz.
Eu não vivo pra isso. Eu é que faço. Não tá vendo eu fazer? Entendeu, agora!?

Há, também, no discurso de Estamira uma pertinente crítica às instituições escolares, produtoras do que Foucault (1987) denomina “corpos dóceis”, assujeitados, que só reproduzem o *status quo*:

Vocês não aprendem na escola. Vocês copiam. Vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto com dois anos que já sabe disso. Tem um de dois anos que ainda não foi à escola copiar... hipocrisias e mentiras charlatãs!!!

Há uma crítica geral ao tratamento psiquiátrico ambulatorial, eliminando-se, aqui, qualquer particularidade ligada à profissional que a atendeu:

A doutora passou um remédio pra raiva. (...) Aqui, oh! Oh!, o retorno, quarenta dias. Presta atenção nisso! (...) Ela [a médica psiquiatra] é copiadora! (...) Ela é copiadora! Eles [os médicos] estão fazendo sabe o que? Dopando quem quer que seja com um só remédio. Não pode! (...) eles vão lá e só copeiam, uma conversinha pra cá e só copiar. (...) Ah! Que é que há rapaz! Isso não pode, não senhor! Como é que eu vou ficar todo dia, todo mês, cada marca..., e eu vou lá apanhar o mesmo remédio? Não pode! (...) Aqui, oh!, pra você ver como é que é o remédio. Eu ia devolver a ela porque os viciados deles — porque não sou eu —, às vezes, pode precisar. Está aqui!⁹

Estamira parece bastante consciente de sua funesta condição de indigente e da opressão à qual é submetida diariamente. Referindo-se ao lixão onde trabalha, afirma:

Isso aqui é um disfarce de escravo. Escravo disfarçado de liberto, de liberdade. Olha! A [Princesa] Isabel, ela soltou eles, né!? E não deu emprego pros escravos. Passam fome, comem qualquer coisa, igual os animais. Não têm educação. E, então, é muito triste.

Estamira critica a ética protestante (Weber, 2001), que apregoa o trabalho duro e a aquisição de bens materiais como certeza da salvação espiritual:

⁹ A idéia que Estamira traz de que os médicos dopam seus pacientes com um só remédio parece uma alegoria da prática psiquiátrica contemporânea, de base biológica e objetivista, onde há um evidente descompasso entre, por um lado, a proliferação de diagnósticos psiquiátricos de síndromes (como atestam as cada vez mais volumosas edições do DSM e da CID) e, por outro, a carência de terapêuticas farmacológicas correspondentes a elas. Em suma: faz-se um diagnóstico hiper-especializado e aplica-se a mesma droga padrão como conduta. Vale ressaltar que a psiquiatria, dentre as especialidades médicas, tem um dos menores elencos de medicamentos disponíveis, a despeito dos recentes avanços da psicofarmacologia.

Foi combinado: alimentai-vos o corpo com o suor do próprio rosto, não foi com o sacrifício. Sacrifício é uma coisa; agora, trabalhar é outra coisa. Absoluto! Absoluto! Eu, Estamira, que vos digo ao mundo inteiro, a todos: trabalhar, não sacrificar.

Ao que complementa com sua posição ideológico-política:

O homem não pode ser incivilizado. Todos os homens têm que ser iguais. Têm que ser comunista. Comunismo. Comunismo é igualdade. Não é obrigado todos trabalhar num serviço só. Mas a igualdade é a ordenança que deu quem revelou o homem o “único condicional”.

Quem de nós nunca sonhou com uma sociedade mais justa, mais igualitária, na qual as diferenças fossem aceitas e respeitadas, e os preconceitos extirpados? É justamente sobre a aceitação das diferenças que Estamira se pronuncia a seguir, no encadeamento lógico de seu discurso. Sua fala soa como um protesto à nossa sociedade, na qual práticas racistas e a ditadura da beleza imperam. Seguindo a tradição da filosofia pragmática, Estamira mostra que o discernimento entre o “bonito e o feio”, isto é, entre o certo e o errado, o ético e o antiético etc. está nas nossas ações, e não na nossa aparência:

Eu não gosto de [que] ninguém ofende cores e nem formosura. O que importa... Bonito é o que fez e o que faz. Feio é o que fez e o que faz. Isso que é feio. A incivilização que é feio.

E a incivilidade contemporânea tornou o homem pior que os “quadrútiplos”, nos diz Estamira. Qual a solução para esse impasse? Ela mesma nos dá, já no final do documentário, ao revelar o restante de sua verdade suprema: “A solução é fogo!”. Ao que corrige logo a seguir: “A única solução é o fogo!”. Estaria Estamira aguardando angustiada a catástrofe apocalíptica anunciada na Bíblia, segundo a qual o planeta Terra seria consumido pelo fogo?

Será mesmo essa a “única solução” possível, como afirma Estamira? Não! Deve haver outra! E é nosso dever ético construí-la junto com o paciente. Eis o desafio da clínica com psicóticos! Porquanto que Estamira afirme “não concordar com a vida” e que sua “depressão é imensa e incurável”, há ainda, nela, algo que a impulsiona adiante. Ela mesma nos aponta sua normatividade ao afirmar que “deficiência mental quem tem é imprestável”, não sendo esse o seu caso. Se o fogo, por um lado, pode ser usado para destruição (como no incêndio, mostrado no documentário, de um barraco no entorno da

casa de Estamira), por outro, foi esse mesmo fogo que, nas eras primitivas, impulsionou o próprio processo de humanização. Do fogo que a consome, Estamira deve tirar algum proveito, nem que seja utilizá-lo para *iluminar* a humanidade, revelando suas verdades ao mundo — eis a sua missão, eis o que a mantém viva, senão, já teria desencarnado, afirma.

Há uma fala de Estamira que ilustra muito bem a *Via Crucis* que percorreu em seus 63 anos de vida — cuja história é permeada por traições, maus-tratos, estupros, violências de todos os tipos —, tal como relatado por seus parentes e confirmado por ela mesma:

Eu nunca tive sorte. A única sorte que eu tive foi de conhecer o Sr. Jardim Gramacho, o lixão (...), que eu amo, eu adoro. Como eu quero bem aos meus filhos. Como eu quero bem aos meus amigos. Eu nunca tive aquela coisa que eu sou: sorte boa.

Chamar a trajetória de vida de Estamira de *Via Crucis* parece ser uma boa metáfora, já que ela mesma relata o abandono de seus familiares nos seguintes termos:

(...) o “trocadilo” fez com que me separasse até dos meus parentes. Eles não tão vendo, também não. Eles estão igual Pilatras [Pôncio Pilatos] fez com Jesus.

Estamira sente na pele o desamparo de quem foi abandonada por seus familiares, sofre muito com isso, e lamenta:

Como a vida é dura, né gente?! A vida é dura. Dura, dura, dura. A vida não tem dó, não. Ela é mau. Por mais que a gente peleja, que a gente quer bem, que a gente quer o bem, mais fica “destraviado”.

Estamira parece queixar-se de forma literal da solidão que Rilke (2007) nos relata metaforicamente:

Existe apenas *uma* solidão, e ela é grande, nada fácil de suportar (p. 55).

(...) Ame a sua solidão e suporte a dor que ela lhe causa com belos lamentos. Pois os que são próximos do senhor estão distantes, é o que diz, e isso mostra que o espaço começa a se ampliar à sua volta (p. 47).

(...) fica cada vez mais claro que no fundo ela [a solidão] não é nada que se possa escolher ou abandonar. *Somos* solitários. É possível iludir-se a esse respeito e agir como se não fôssemos. É tudo. Muito melhor, porém, é perceber que somos solitários, e partir exatamente daí (p. 76-77).

A solidão, para Rilke, é o ponto de partida da condição humana. Partir da inevitável solidão e construir uma obra com base nela. A vida como obra de arte, como criação, já nos falava Nietzsche. Já no final de seu livro, Rilke afirma categoricamente a seu interlocutor: “Acredite em mim: a vida tem razão, em todos os casos” (*op. cit.*, p. 86). Ou ainda, parafraseando o escritor Albert Camus: a vida pode até ser um absurdo, mas, sempre vale à pena ser vivida.

Estamira parece conhecer essa verdade, apesar de sua solidão, ou melhor, por causa dela. Não é de se estranhar o fato que lhe angustie tanto não conseguir revelá-la ao mundo, tal como os poetas e escritores nos revelam os recônditos de suas vidas, por intermédio de suas obras. A história de Estamira foi contada por outrem, mas, ao que parece, ainda está por ser escrita por ela mesma. Apesar de Lacan (2007, p. 143) afirmar que “Não está de modo algum definido que, com a psicanálise, vai se conseguir escrever”, este é um dos desafios lançados à psicanálise das psicoses, sobretudo, aos analistas que, com um esforço de poesia, seguem à risca o preceito lacaniano de não recuar diante delas.

Referências bibliográficas e audiovisuais

BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRIOLE, G. Os Esquizofrênicos. In MURTA, A., MUTRA C. e MARTINS, T. (org.). *Incidências da psicanálise na cidade*. Vitória: EDUFES, 2004, P. 49-67.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1987.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-89.

JIMENEZ, S. Clínica Lacaniana — foraclusão generalizada. In MURTA, A., MUTRA C. e MARTINS, T. (org.). *Incidências da psicanálise na cidade*. Vitória: EDUFES, 2004, p. 80-90.

LACAN J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O Seminário, livro 3: as psicoses (1955-56)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 23: o sintoma (1975-76)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 537-590.

LOTHANE, Z. *In Defense of Schreber – Soul Murder and Psychiatry*. New Jersey: Analytic Press, 1992.

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: LP&M, 2007.

SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Estamira, direção de Marcos Prado, Brasil, Distribuição Riofilme / Zazen Produções Audiovisuais, 2006, DVD, Cor/115 min.

An Inconvenient Truth (“Uma verdade inconveniente”), direção de Davis Guggenheim, Estados Unidos, Distribuição Paramount Classics / UIP, 2006, DVD, Cor/100 min.